

JOSÉ LEANDRO DA SILVA NETO



Foto: Assessoria de Imprensa / Crea-GO

ENGENHARIA DE SEGURANÇA DO TRABALHO NO BRASIL

Presidente da Anest destaca as ações da entidade para a valorização e capacitação dos profissionais

Fundada em novembro de 1984, na esteira das Diretas - Já, a Anest (Associação Nacional de Engenharia de Segurança do Trabalho), com sede em Brasília (DF), trabalha principalmente três campos de atuação: a) realização de parcerias estratégicas; b) capacitação dos engenheiros de segurança do trabalho, no Brasil, bem como das entidades regionais; e c) prestação de serviços à sociedade brasileira. A Associação está organizada de forma federativa. Segundo José Leandro, seu mandato está pautado na ampliação das 12 entidades regionais em engenharia de segurança do trabalho: Abraest, AEST/PB, AEST/RN, Aespe, Apiest, Agest, Atest, Aestec, Apaest, Asmest, Ares e Amaest. Para falar sobre a atuação da Anest, bem como do papel do EST (Engenheiro de Segurança do Trabalho), esta edição, a revista **Cipa** traz como entrevistado o presidente da Anest (Associação Nacional de Engenharia de Segurança do Trabalho), José Leandro da Silva Neto, engenheiro de Segurança do Trabalho, engenheiro mecânico, pós-graduado em Gestão de Qualidade e Produtividade, e fundador e atual diretor técnico da CL Engenharia. Na Anest, José Leandro assumiu a presidência em dezembro de 2014 e cumprirá mandato até o final deste ano.

Quais ações da Anest previstas para 2016?

Está em andamento, mas em fase final, a construção das regionais dos Estados de Rondônia e Acre e há articulações em outros Estados para estruturação orgânica das entidades regionais. Outro ponto a considerar é quanto a formação de câmaras especializadas em engenharia de segurança do trabalho nos Conselhos Regionais de Engenharia, pois são as principais estâncias na fiscalização da EST no Sistema Confea/Crea. É por meio da fiscalização do Crea de cada Estado que atuamos em defesa da engenharia de segurança do trabalho e da sociedade. A Anest, sempre em parceria com uma de suas filiadas, organiza anualmente o Conest (Congresso Nacional de Engenharia de Segurança do Trabalho). Ano passado realizamos em Goiânia (GO) junto com a Agest. Em 2016 teremos o 18º Conest em Porto Velho (RO) em parceria com a regional daquele Estado. Ainda em maio deste ano promoveremos a III Conast (Conferência Nacional de Segurança e Saúde do Trabalho) no Serviço público em parceria com a Ares (Associação Riograndense de Engenharia de Segurança) na cidade de Novo Hamburgo (RS). Atuamos no fortalecimento das entidades regionais, fazendo parcerias em cursos e palestras aos profissionais de EST filiados às nossas regionais e também proporcionando espaço de divulgação de matérias e eventos em nosso site. Buscaremos promover cursos e palestras para as nossas filiadas, de forma a garantir reciclagem dos profissionais. Para o ano de 2016 já temos programados cursos de PCMAT e Aerodispersóides para o município de Teresina (PI), que serão realizados conjuntamente com Apiest, e em Natal (RN) os cursos de PCMAT e NR-10,

em parceria com a Aest/RN. Teremos ainda eventos preparatórios para o 18º Conest em todas as regiões do País em parceria com as entidades regionais.

Há alguma questão antiga que pretende reforçar este ano?

Pre vemos para este ano efetuar articulações políticas com o Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, ministérios do Governo Federal para formulação de políticas públicas para a EST. A Anest luta insistentemente para a abertura de concursos de auditores do MTE para profissionais especialistas (engenheiros de segurança do trabalho e médicos do trabalho), pois entendemos que, com ingressos de profissionais de outras formações profissionais, ou seja, que não são especialistas, o nível de atuação do MTE caiu vertiginosamente no âmbito da fiscalização.

Qual a sua análise sobre os cursos de engenharia de segurança do trabalho?

De uma forma geral precisamos reformular o curso de pós-graduação em EST, pois é a mesma grade desde 1985. Temos que fazer a inclusão de tecnologias, utilizar novas formas de aprendizado com a utilização de outras ferramentas, acrescentar à carga horária disciplinas necessárias para os nossos dias atuais. É preciso cobrar das universidades que possuem cursos de pós-graduação a utilização de laboratórios de higiene do trabalho e de ergonomia. Temos necessidades urgentes de lançar no mercado brasileiro profissionais com capacidade de gestão de sistemas. Outra questão importante é que não tem como tratar dos nossos cursos de pós-graduação sem vinculá-los ao Sistema Nacional de Educação de responsabilidade do MEC (Ministério da Educação), pela nossa carta magna a Constituição. Nisso, temos duas vertentes a considerar: a primeira de nossa responsabilidade sociedade civil organizada, Anest e outras entidades que atua em defesa da Engenharia de Segurança do Trabalho. A segunda é de total responsabilidade do Governo por meio do MEC. Neste sentido a Anest criou a Andest (Associação Nacional dos Docentes nos Cursos de Engenharia de Segurança), exatamente para cuidar da qualidade dos cursos de pós-graduação em EST, promover mudanças necessárias que a nossa sociedade necessita.

Qual o papel de um engenheiro de segurança do trabalho?

Esta pergunta é muito interessante, uma vez que de um modo sintético, em um primeiro momento acredita-se que o engenheiro de segurança "tem que desenvolver suas atividades meramente com o intuito de atender ao disposto nas normas regulamentadoras". Por outro lado, se esta pergunta for feita a empresários, em regra geral, as atribuições dos engenheiros de segurança é meramente "legal". A resposta seria: "tenho um

engenheiro de segurança do trabalho em minha empresa por determinação legal.” Na verdade, as atividades e rotina do dia a dia do engenheiro de segurança do trabalho no Brasil tem evoluído bastante e em minha opinião, será sem dúvida, uma das profissões mais disputadas e respeitada no mercado de trabalho. O profissional necessita “enxergar” a empresa/ órgão em que trabalha, inicialmente, de uma forma holística, de modo que possa fazer em um primeiro momento, uma leitura em busca do entendimento geral do processo, ou seja, como funcionam e se integram seus processos de obtenção, transformação e entrega dos seus produtos e de seus serviços para, a partir desta leitura, avançar de forma minuciosa e detalhista nas relações de trabalho, bem como no envolvimento dos trabalhadores com as máquinas e equipamentos, com o processo, com as relações de trabalho cliente interno e externo, ou seja, o conhecimento profundo do engenheiro de segurança do trabalho da integração e cadeia dos processos e do negócio da empresa através da missão e visão do negócio, aliado as relações interpessoais leva o profissional a um nível de excelência a ponto de entender de forma clara e segura, qual é de fato o seu papel na estrutura e no processo onde o mesmo atua.

Como é rotina de um engenheiro do trabalho?

Coordenar e efetuar análises de projetos a fim de atuar na “concepção” do mesmo; recomendar e alterar o ambiente de trabalho, visando mitigação e ou eliminação dos riscos de acidentes e ambientais, e doenças ocupacionais; validar sistemas de combate a incêndios; analisar escopos técnicos; emitir laudos e pareceres; elaborar manuais, normas, procedimentos e programas de treinamentos em SST na busca pela padronização dos métodos de trabalho; participar na especificação e desenvolvimento dos materiais de segurança, uniformes e EPIs, adequando-os as necessidades e condições de riscos; implantar atividades e rotinas pertinentes às NRs; desenvolver PCMSO (Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional), PPRA (Programa de Prevenção de Riscos Ambientais); implantar programa de coleta seletiva e reciclagem; participar ativamente da Cipa (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes); responsabilizar-se pela interface externa com a comunidade dentro do escopo de segurança.

Quais as maiores dificuldades do profissional?

É a falta de compreensão dos empresários em relação aos custos-benefícios da segurança do trabalho. Existem empresas em que a atuação dos profissionais se limita a atender à legislação; não entendem que a segurança do trabalho faz parte de seu negócio. A empresa ou instituição ainda não perceberam que de fazer gestão em segurança, saúde e meio ambiente como forma de evitar passivos trabalhistas e ambientais. Os engenheiros de segurança do trabalho ficam presos a estas questões legais e não conseguem desenvolver seus potenciais.

Fale sobre leis e normas voltadas para a profissão.

A nossa legislação é muito boa, e considero uma das melhores do mundo. Constantemente as nossas normas regulamentadoras e as NBRs (Normas Brasileiras/ABNT) são reformuladas com a participação da sociedade organizada. A aplicação da nossa legislação necessita de atuação concreta da fiscalização do MTE, pois atualmente ela é inoperante, composta em sua maioria por profissionais “leigos” em SST, os chamados “auditores flex”. Temos também outras questões, como a NR-15 do ano de 1978, que precisa urgentemente de revisão de alguns anexos, principalmente os de número 11,12 e 13, pois não atendem as demandas do Brasil de hoje. Não é mais possível os profissionais da SST conviverem com o anexo 13, por exemplo, pois é uma porta escancarada para os maus profissionais da SST que atuam principalmente como peritos judiciais.

Como está o mercado para os profissionais do setor?

Está ascensão no Brasil. Pela necessidade de cumprimento de preceitos legais é uma profissão que está a cada dia com uma boa demanda. É preciso fazer gestão em SST para garantir a eficácia do eSocial e dos benefícios às empresas que investem em SST. A engenharia de segurança do trabalho tem uma relação muito importante para o desenvolvimento do País, trabalhando sempre a prevenção como forma de reduzir o número de acidentes e doenças ocupacionais, fator determinante para diminuir dias parados com afastamento de trabalhadores, e retirar o Brasil da quarta pior posição do ranking de acidentes do trabalho do mundo. ■

“O PROFISSIONAL NECESSITA “ENXERGAR” A EMPRESA/ ÓRGÃO EM QUE TRABALHA (...) DE UMA FORMA HOLÍSTICA”